



Desafios de uma jovem ribeirinha - um rio onde se nasce, cresce e se vive: nasci aqui, cresci aqui, minha vida foi toda aqui

Challenges of a young ribeirinha - a river where you are born, grow and live: I was born here, grew here, my life was all here

Humberto Ferreira da Silva⁽¹⁾; Jairton Peterson Rodrigues dos Santos⁽²⁾

⁽¹⁾Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Mestrando em Ensino de História do ProfHistória da Universidade Federal de Sergipe. Professor da Rede pública do Estado de Sergipe e do Município de Lagarto-SE. Mestrando em Ensino de História do ProfHistória da Universidade Federal de Sergipe.

⁽²⁾Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Mestrando em Ensino de História do ProfHistória da Universidade Federal de Sergipe. Professor da Rede pública do Estado de Sergipe, do Município de Estância-SE e Rede Particular.

Todo o conteúdo exposto neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Este artigo visa apresentar a realidade daqueles que vivem em um assentamento através do olhar da jovem Joice dos Santos Silva, de vinte anos que vive no assentamento Florestan Fernandes, localizado no povoado Oroco, em Canindé do São Francisco-SE. Uma comunidade que vive na região circundante ao Rio São Francisco. Através da história oral analisamos a trajetória de vida e as expectativas de futuro em uma relação de interdependência geopolítica social com seu território. Este artigo teve como metodologia a análise de entrevista e relato oral na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: História oral, Joice dos Santos Silva, História local, assentamento, Canindé do São Francisco-SE

ABSTRACT: This article aims to present the reality of those who live in a settlement through the eyes of young Joice dos Santos Silva, who lives in the Florestan Fernandes settlement, located in the Oroco village, in Canindé do São Francisco-SE. A community that lives in the region surrounding the São Francisco River. Through oral history we analyze the life trajectory and future expectations in a relationship of social geopolitical interdependence with its territory. This article had as methodology the interview analysis and oral report in the community.

KEYWORDS: Oral history, Joice dos Santos Silva, Local history, settlement, Canindé do São Francisco-SE.

INTRODUÇÃO

Rio onde se cria o alimento, Página | 1340

Onde a gente pode

Tirar um dia de lazer

Rio que dá comida,

Pra muita gente comer,

Mas muitos não sabem valorizar

Até parece que só vão aprender, quando o rio acabar¹

HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

Este texto utiliza como metodologia de pesquisa a História Oral. Conforme Souto (2015), utilizamos a História Oral pois ela concede ao pesquisador dialogar com aqueles que por muitas vezes são silenciados pela história tradicional. Ela nos possibilita o olhar das classes subalternas, das minorias, daqueles que por muitas vezes não tiveram registrados suas memórias.

Pollak(1992), indica-nos que “a memória é construída por personagens, lugares e critérios”. É indicado por este autor que a memória é seletiva, herdada, sofre flutuações, pode ser construída de maneira consciente ou não. Entrevistamos uma mulher sertaneja que vive em um Assentamento no Nordeste Brasileiro. Isto nos permite entender uma narrativa que possibilita a análise de uma identidade de luta e resistência.

Portanto, entende-se a luz deste autor que a identidade é a forma a qual o ser se ver ou é visto, como se percebe ou é percebido, é como o indivíduo se representa. É a partir das memórias que se cria a identidade. Tanto a memória quanto a identidade são valores disputados. Tendo em vista que a memória é aquilo que leva a grupos solidificarem o social e a identidade cria um sentimento de unidade, continuidade e coerência, elas são socialmente construídas e este é um campo de embate.

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação” (THOMPSON, 1992, p.

¹ Poema de autoria de Joice dos Santos Silva, disponível em CALADO, Andresa; et al. Cantos e contos do Florestan. Canindé de São Francisco: Aclas Editora, 2019, p.16. (Coleção Artes & Letras).

44). Norteados por estas concepções, ousamos historiar a trajetória biográfica de uma jovem que vive, desde o seu nascimento, no entorno do maior rio do Nordeste brasileiro, o Rio São Francisco². A jovem Joice dos Santos Silva, 20 anos, casada, mãe de dois filhos reside no assentamento Florestam Fernandes, zona rural da cidade de Canindé de São Francisco-SE³, extremo norte do estado de Sergipe. Este local faz parte da divisão territorial do alto sertão sergipano⁴.

Figura 1. Localização do município de Canindé de São Francisco



Fonte: Wikipédia, 2020.

Ao entrevistar uma mulher sertaneja, penetramos não apenas na sua memória, mas em suas lembranças afetuosas. Estudar a vivência de uma sujeita histórica, por muitas vezes esquecida, concede-nos um entendimento de resistência ainda mais em tempos de polarização e recrudescimento de pensamentos antidemocráticos. Neste caso, entendemos o uso da história oral como uma história democrática. Isto por possibilitar vozes antes não ecoadas.

²Disponível em <<https://www.ana.gov.br/sala-de-situacao/sao-francisco/sao-francisco-saiba-mais>> em 2 de janeiro de 2020 às 21h

³Mapa a direita disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Canind%C3%A9_de_S%C3%A3o_Francisco>

⁴Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/caninde-de-sao-francisco/panorama>> em 2 de janeiro de 2020 às 21h05

Além disso, a utilização desta metodologia nos insere dentro de um contexto de diálogo que se contrapõe a uma história tradicional que geralmente é baseada na interpretação do que foi escrito. A partir da entrevista conseguimos captar sentimentos, assim como obter:

“experiências vividas” os que escutam, inserindo-os no movimento da arte de narrar à arte de ouvir. A produção de narrativas, no processo de interação entre História Oral – Memória, é permeada de sensibilidades trazidas pelo caráter dialógico, que se concretiza na arte da produção do conhecimento da e sobre a História Viva. (CHIOZZINI; MESQUITA & TUMA, 2007, p.114).

TERRA DE QUEM É FORTE

Para Guimarães Rosa (2015) “o sertão é uma terra de quem é forte”. Não há dúvidas que viver e sobreviver em terras tão áspers conseguindo retirar do solo sua sobrevivência não é para todos. Percebemos isso no dia 23 de novembro de 2019, quando, na visita ao assentamento Florestan Fernandes, encontramos Joice. Mulher, sertaneja, assentada desde o nascimento, com vinte anos e mãe de um casal de filhos.

Era um domingo, fazia calor, olhamos para o celular que marcava a temperatura: 34º graus mas com sensação térmica por volta dos 40º. Nossa primeira busca é por um abrigo, seja casa, árvore, sombreiro. Qualquer coisa que nos protegesse daquele sol. O assentamento à primeira vista parece resumir-se a uma rua única, sem calçamento e com casas próximas, algo entre 15 e 20 residências.

Tímida no olhar, nossa entrevistada aparentava cansaço. Percebemos que se tratava de uma jovem responsável, dedicada e esperançosa. Disse-nos que morava com duas crianças e que, momentaneamente, estava distante do esposo, pai dos seus filhos. Ele, como tantos outros nordestinos, migrou para o Sudeste em busca de trabalho. Joice, disse que a ideia de seu marido era “retornar no período de plantio da região”.

A partir deste relato, de imediato, veio a reflexão de uma canção de Belchior chamada “Fotografia 3x4” de 1976 onde o cantor denunciava o êxodo nordestino. A música dizia que “o que pesa no Norte, pela lei da gravidade, disso Newton já sabia: cai no Sul, grande cidade, São Paulo violento, corre o Rio que me engana”⁵.

⁵ Belchior. Fotografia 3x4. Disponível em <<https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/belchior-canta-fotografia-3x4/>> em 2 de janeiro às 22h.

Entre as décadas de 1950 a 1970, no Brasil, houve um grande processo migratório de êxodo rural. Muitos nordestinos migraram para a região Sudeste. Fato este que ocorreu porque a região Nordeste, neste período, apresentava problemas estruturais: baixa produção de alimentos, questão do clima, a exemplo das secas, uma estrutura latifundiária desigual e violenta que gerou e ainda gera pobreza, deficiência no sistema educacional e ingerência das políticas públicas (MEDEIROS FILHO E SOUZA, 1988).

Embora que, desde o censo de 2010, a taxa de migração entre as regiões tenha diminuído⁶, principalmente devido a políticas públicas estruturais feitas na década de 2010, ainda é comum a ida de nordestinos para o sudeste, principalmente homens⁷. Percebemos isto tanto no caso de Joice, nossa entrevistada, quanto no caso de outras mulheres entrevistadas por nossos companheiros no curso de suas pesquisas.

Esta Diáspora dos maridos das assentadas, nos possibilita inferir algumas situações: boa parte das mulheres do Assentamento Florestan Fernandes vivem sós durante alguns meses e, ou, até anos, pois seus maridos precisam viajar por não ter condições estruturais de trabalho e renda, além disso, boa parte destes cônjuges que viajam ficam na dualidade de ser um homem do campo indo viver na cidade e no seu retorno já não ter a visão de um homem do campo. Isto devido a sazonalidade dessas tarefas, hora agrícola, hora cidadina.

Nossa entrevistada ao relatar suas memórias, expõe que estas sempre remontam ao assentamento. Ele constitui tudo que ela conhece, “é o mundo dela”, uma vez que a mesma vive ali desde que nasceu: “Para mim, significa....onde eu nasci, cresci, a minha vida, a minha vida foi toda aqui, que eu nasci aqui, cresci aqui, minha vida foi toda aqui” (SILVA, 2019).

O que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar. A “memória de papel” da qual falava Leibniz tornou-se uma instituição autônoma de museus, bibliotecas depósitos, centros de documentação, bancos de dados. (NORA,1993, p.15)

⁶Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/nordeste-e-regiao-com-maior-retorno-de-migrantes-segundo-ibge.html>> em 2 de janeiro de 2020 às 22h10.

⁷Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=3090&limit=10> em 2 de janeiro de 2020 às 22h13

Por mais que Joice tenha conhecido outros lugares, sua memória afetiva está arraigada ao local de sua vivência. A terra é associada a tudo que ela tem, à condição de moradia fixa, ao acesso a sua comunidade e seu sustento. Este conjunto de fatores citados por ela, fazem-nos refletir sobre a construção de algo mais complexo: a terra é por onde se aprofundam pertencimentos.

Quando questionamos sobre sua relação com o Movimento Sem Terra, a resposta se deu da seguinte maneira: “*Movimento sem-terra? Eu num... As vezes participo, as vezes não, por conto dos meninos né. Significa(pausa)*”. Nesta pausa, observamos uma certa apreensão em seu olhar e uma vontade de passar para outro assunto.

Talvez o silêncio de Joice seja uma Memória Traumática. Pollak, no texto “Memória, esquecimento, silêncio” (1989) comenta sobre processos de dominação e submissão para as diversas formas de memória. Na atualidade, com o ascensão de correntes que marginalizam e perseguem movimentos sociais no Brasil, fez com que alguns militantes envolvidos em causas sociais silenciassem para se proteger. O silêncio de Joice pode ser interpretado como uma defesa.

Mesmo assim, em nosso diálogo, Joice demonstrou uma satisfação por ser assentada e viver em comunidade: “aqui tem várias pessoas que ajudam a gente”. Este reconhecimento da força da vida em comunidade, respeito mútuo e noção de pertencimento, evidenciou-nos que Guimarães Rosa, assim como Euclides da Cunha estavam certos: o sertanejo é um forte.

RIO DAS VIVÊNCIAS

A relação entre o Rio São Francisco e a população ribeirinha remonta os tempos mais remotos, por uma questão óbvia: água é fonte de vida e conseqüentemente de sobrevivência. Os estudos arqueológicos desenvolvidos pelo Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) comprovam que a região foi habitada por humanos a mais de 8 mil anos⁸.

O Rio durante milhares de anos dá sustento a diversos grupos humanos que dele retiram sua sobrevivência próximo a região hoje ocupado pelo município de Canindé do São Francisco. No entanto, a atual degradação do rio aponta que estes mesmos homens

⁸Disponível em <http://max.ufs.br/uploads/page_attach/path/1571/Canind_01.pdf> em 04 de janeiro de 2020 às 20h

não percebem a importância da preservação e o seu uso consciente, destruindo assim os recursos naturais que o auxiliam na sua própria sobrevivência.

Joice, diferente destes, possui demasiada consciência do significado destas águas. Além de seu poema, ela nos expôs que, “*muitos não sabem valorizar, até parece que só vão aprender, quando o rio acabar*”. Quando questionamos sobre qual seria o motivo desta degradação, ela foi enfática: “A desmatamento que estão poluindo não só o rio, mas a natureza”.



Vista do rio cortando o sertão da cidade de Canindé do São Francisco⁹

A fala de Joice dos Santos Silva sobre as relações de degradação do rio mostra a afinidade e o respeito das populações subalternas que interdependem do São Francisco. Ouvir estas vozes não é apenas dar voz ao excluídos, como também compreender ser possível analisar que pessoas sem grande grau de instrução acadêmica podem entender o processo de degradação do rio, nesses aspectos nos ensina Selva Guimarães Fonseca (2006) afirma que:

⁹Foto disponível em: <<http://bemvindoasergipe.blogspot.com/2016/05/o-canyon-do-xingo-no-municipio-de.html>> em 04 de janeiro de 2020 às 20h05

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. (FONSECA, 2006, p. 132).

Ao consideramos a consciência ambiental na narrativa da entrevistada que avaliou a necessidade que temos do rio para sobreviver por mais alguns milhares e de que a ação humana, de maneira desordenada, pode destruí-lo, notamos a sabedoria popular. Ela indica que toma algumas atitudes para sanar estes males: “*eu vou as vezes tomar banho, e quando chegar lá tem algumas bolsas, sujeiras, garrafas, não no rio todo, mas em alguns lugares, lá eu tiro e é bom pro meio ambiente*” (SILVA, 2019).

A ação simples de retirar resíduos deixados por outros no rio, comprova a inquietação com a devastação da natureza, e uma consciência das inter-relações de dependência com os seres humanos. Este gesto singelo aponta para um nível de consciência que grande parte das pessoas não tem.

As memórias estão entrelaçadas as suas lembranças com o rio. É como um enlace impossível de desassociar, haja visto não apenas uma dependência de vida devido a água, mas suas relações emotivas, a infância, puberdade, a juventude e mais recentemente a vida adulta, tudo permeia a existência do rio.

Sobre sua vida de estudante ela afirma ter “vagas lembranças” que estudou até a Primeira Série do Ensino Médio, parando quando engravidou do primeiro filho. Infelizmente, diversas jovens brasileiras largam os estudos ao ficar grávidas ou ter filhos e ela se tornou parte destes dados¹⁰.

A necessidade de dedica-se ao primeiro filho colocou os estudos para segundo plano, mesmo afirmando que tentará voltar aos estudos, no entanto sem prazo para que isso ocorra devido a gravidez e nascimento do segundo filho. Este fato tornou o retorno as atividades estudantis uma equação mais complexa, soma-se a isso o fato do esposo ter que passar parte do ano trabalhando fora do estado de Sergipe. Questionada sobre voltar a estudar Joice é enfática e afirma que pretende concluir o ensino médio e fazer uma

¹⁰Disponível em <<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/5/>> em 7 de janeiro de 2020 às 7h30

faculdade no Curso de Enfermagem. Mas não sabe dizer quando tais planos poderão ser realizados.

Neste Rio das Vivências desta ribeirinha, percebemos como os povos que vivem do entorno do Rio São Francisco são fortes. Outrossim, quando falamos povos ribeirinhos, devemos ressaltar que pela própria extensão territorial do Brasil e pelas diversas formação climáticas e geográficas de nosso país, este povos tem uma diversidade a ser entendida. Os ribeirinhos do Rio Amazonas, que se localizam em uma faixa de clima equatorial e cercado de densas florestas, o que se contrapõe a realidade dos povos ribeirinhos do Rio São Francisco que habitam a faixa existente da cidade Canindé de São Francisco – SE de clima seco, semiárido com temperaturas elevadas a maior parte do ano e chuvas irregulares em contraste com um rio cortando esse perspectiva.

Desta maneira, as memórias da jovem Joice, conforme a entrevista, permeiam essa realidade climática e geográfica. Conseqüentemente a realidade social em que viveu irá constituir a identidade dela enquanto mulher e ribeirinha. Estas memórias resgatadas através da entrevista constituem não apenas sua identidade, mas também retratam o meio político-social em que se vive. É o que POLLAK(1992) apresenta como acontecimento construído social:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

As memórias, por mais que seja um relato individual, são resultados da teia de relações sociais, políticas e econômicas em que cada cidadão viveu ou vive. Assim qualquer relato individual estará sempre carregado das relações coletivas. A história e a memória de Joice é uma parte de um todo e de suas relações sociais individualmente.

O individual e a coletiva nesse caso não se separam, constituem um enlace indissociável, podendo captar tanto aspectos da jovem Joice como de sua comunidade no assentamento Florestam Fernandes. Essa memória individual, é construída a partir das

relações coletivas, das afinidades, ou não com suas relações sociais na qual cada um compartilha ao longo de sua vida.

MOVIMENTOS SOCIAIS

O espaço onde viveu Joice dos Santos Silva é um assentamento. Segundo dados do INCRA “assentamento rural é um **conjunto de unidades agrícolas** independentes entre si, instaladas pelo Incra onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um **único** proprietário”¹¹. Conforme a entrevistada: “No começo *era* 30 famílias, mas cresceu, mas agora tem mais, agora umas 50 familiares”. A partir deste relato podemos inferir que o assentamento Florestan Fernandes nasce da divisão de uma única propriedade rural em trinta lotes. Assim aquelas terras são fruto de uma tímida tentativa dos governos brasileiros de fazer a reforma agrária e da luta de Movimentos Sociais como o MST.

As memórias narradas por Joice compõem a sua experiência individual, sua história e a daqueles que convivem mesmo espaço e nas mesmas condições sociais, dividindo não apenas o espaço geográfico, mas todas as alegrias, angústias e carências possíveis da terra sertaneja.

Um discurso entre o que é memória e o que é história, traçando limites por vezes confuso entre ambos, e por vezes nos querendo fazer entender que em geral trocamos história por memória ou vice-versa (tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. (NORA, Pierre P14)

O que Nora nos apresenta é um debate que se permeia na construção da história a partir de memórias de pessoas comuns, assim sendo, estas memórias podem constituir o perfil da história destas pessoas e de sua comunidade.

Aqui as memórias de Joice nos ajudam a constituir a história pessoal de uma jovem criada dentro de um assentamento e suas relações com os movimentos sociais. Os assentamentos produzidos no Brasil são fruto da luta destes movimentos pela distribuição justa da terra e de seu uso, contrapondo-se a herança portuguesa de concentração terra que criou ao longo de séculos grandes latifúndios (GOHN, 2003).

¹¹ Fonte: <http://www.incra.gov.br/assentamento>

Mesmo não entrando no mérito das identidades comunitárias, podemos perceber que a realidade ali apresentada aponta uma necessidade de fortalecimento do grupo social com que tange a identidade coletiva. Quando questionada sobre sua relação com a comunidade, a mesma afirmou que “porque eu fico mais em casa, as vezes a gente sai quando tem reunião”. Subtendemos desta fala que a mesma tem pouca participação sociopolítica junto a comunidade. Talvez pelo fato da mesma ser filha de assentados e ter se tornada assentada por extensão familiar. Conforme Maria da Glória Gohn, os jovens de hoje tem novas formas de manifestação, seja ela virtuais ou de modelo tradicional, assim como as origens socioeconômicas são fundamentais para o modelo de participação nos movimentos sociais. Gohn destaca:

Na sociedade civil, destacam-se os movimentos, os coletivos e as organizações consideradas movimentistas. Os movimentos clássicos, de luta pela terra, por moradia, ou os sindicatos, contam pouco com a participação dos jovens e, usualmente, se organizam de forma tradicional, no rural ou no urbano. Eles têm concepções e estruturas organizacionais mais centralizadas, focalizadas em líderes ou lideranças. Eles também se articulam em redes e usam internet, mas o ambiente virtual é apenas uma ferramenta de apoio e não um vetor ou veículo básico de comunicação e interação (GOHN, 2018, p. 120).

Assim as falas de Joice dos Santos Silva, mulher, mãe, jovem, trabalhadora do campo e ribeirinha se contrapõem ao modelo estereotipado do patriarcalismo. Este modelo de família ainda persiste, ora de forma velada, ora de forma escancarada. Notamos isto ao longo de nossa trajetória social que quase sempre busca como padrão colocar para as mulheres em papel secundário.

Ademais, no sertão há uma configuração diferente desta visão patriarcal. As mulheres assumem um protagonismo que se contrapõem a esse modelo, haja vista que desde jovens muitas delas assumem toda responsabilidade sobre a família e propriedade por longos períodos já que os homens vão para o sul/sudeste a trabalho. Nesses períodos elas protagonizam suas vidas, direcionam as atividades, cuidam não apenas dos filhos, mas da terra e de tudo que nela tem.

Novamente destacamos que a própria realidade do Brasil promoveu uma reconfiguração dos movimentos sociais, segundo Gohn (2018) “*A crise não os afeta apenas do ponto de vista econômico, mas também no âmbito político-cultural. Recessão, corrupção e violência formam um caldo que destrói a confiança e a esperança no futuro*” (GOHN, 2018, p. 117). Esse cenário socioeconômico negativo apontado pela autora reafirma a

posição social de protagonismo da mulher sertaneja, era novembro de 2019 e a jovem de vinte anos se apresentava como a condutora e responsável pela casa e filhos na ausência de seu esposo.

Mesmo com todas dificuldades que podem ser percebidas por quem não é do sertão, ali foi construída uma identidade de resistência e força, tanto socialmente falando como na capacidade de adaptar-se as formas mais rudes de relaciona-se com a natureza. Quando questionada como é ser “mulher, assentada” em terras do sertão, a resposta foi curta e objetiva “Pra mim é Gratificante”.

Mesmo não conhecendo outros espaços Joice não consegue se ver fora do assentamento, porque para ela o Florestam Fernandes é “...onde eu nasci, cresci, a minha vida, a minha vida foi toda aqui, eu nasci aqui, cresci aqui, minha vida foi toda aqui” (SILVA, 2019).

No tocante as presenças do Estado em sua vida, Joice aponta que em todas as esferas (municipal, estadual e Federal) deixa a desejar: “eu avalio que poderia fazer ser feita mais coisas”. Um dos serviços que os poderes públicos poderiam imprimir na comunidade seria a implantação de uma escola para que as crianças não precisassem se deslocar para outro povoado ou cidade. Pois no assentamento não há nenhuma unidade de ensino, em nenhum nível e todos que desejarem estudar precisam se deslocar do assentamento que não possui uma linha regular de transporte público.

Outro ponto estatal deficitário apresentado foi a questão do fornecimento de água nas residências. Uma vez que a distribuição não é regular, a comunidade convive com dias alternados de abastecimento de água. Questionamos a Joice se em sua casa havia água encanada e ela respondeu o seguinte: “Tenho, não chega todo dia, mas quando chega, a gente ajunta em um balde”. O mesmo Estado que faz a água do São Francisco chegar diariamente a capital sergipana, que fica a mais de duzentos quilômetros de distância, é ineficaz para levar água tratada as populações ribeirinhas. Propositamente ou não, notamos um misto de incompetência e ineficiência dos poderes públicos, ou talvez isto faça parte das escolhas de públicos que o Estado deseja atender.

Notamos também a ausência estatal, a partir da visão de Silva (2019), no que tange a áreas de espaços de lazer. A mesma afirma que “Aqui precisa de uma quadra para jogar futebol”. Notamos que este anseio se dá pois em momentos de folgas a comunidade tem se dedicado a jogos de futebol em um campo de terra batida. O Rio São Francisco

para além de fornecer os bens socioeconômicos, também faz parte dos momentos de diversão comunitária.

CONCLUSÃO

A relevância de estudarmos, a partir da História Oral, a vida de Joice é a possibilidade de identificar o passado como elemento de sua existência no presente. Adéqua a pessoas comuns a compreensão de se entender como sujeitos da história que se relacionam a outros grupos sociais em diversos espaços e conjunturas.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro (...) Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros (FRANCO & SHIMIDT, p. 7-8).

Ao visitar *in loco* o assentamento Florestam Fernandes, zona rural do município de Canindé de São Francisco-SE, ao sermos recepcionados carinhosamente por esta comunidade em uma casa que também lhes serve para os encontros religiosos, ao entrevistar pessoas que muitas vezes são marginalizadas, sentimos o poder da História Oral que proporcionou as narrativas de vivências no sertão sergipano.

Mesmo com toda aridez típica do sertão nordestino brasileiro, uma temperatura elevada, uma terra seca, onde só os fortes podem chamar de sua terra, naquele olhar, naquela fala há uma imensidão de esperança do tamanho dos oceanos. Aquele lugar é deles e quando Joice afirma que o sertão é “onde eu nasci, cresci, a minha vida, a minha vida foi toda aqui, que eu nasci aqui, cresci aqui, minha vida foi toda aqui”, notamos ainda mais este pertencimento.

Joice se enraizou sua identidade, ela não tem planos de sair do assentamento Florestam Fernandes. Mesmo tendo planos de voltar a estudar, concluir o Ensino Médio, fazer uma faculdade de enfermagem, ela almeja permanecer assentada, sertaneja e busca a cada momento melhorias para sua comunidade.

Há uma consciência de classe presente em Joice dos Santos. Nela existe a ideia de transformação do local onde se vive, buscando trazer para próximo de si os serviços que o estado tem a oferecer, seja através de uma unidade escolar para crianças, seja por

implantação de uma unidade básica de saúde ou de um espaço adequado para práticas esportivas. Os jovens daquela comunidade visam viver melhor sem necessariamente mudar da sua terra, não é desconhecer outros lugares, mas se reconhecer, respeitar e conviver harmonicamente enquanto homens e mulheres do sertão.

A transformação e melhoria de vida das comunidades ribeirinhas dependem da capacidade de ação dos seus sujeitos, que devem ser tratados como cidadão. A vida sertaneja sergipana é parte do processo histórico do Brasil, escutar e levar o brado dessas comunidades é fundamental para conhecermos a nós mesmos.

Como diz FREIRE, 2019, “está aí a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos- libertar-se a si e aos opressores”. É isto que a História Oral nos possibilita: ao escutarmos Joice e interpretar sua vida, protagonizamos aqueles que, muitas vezes, a história tradicional não registra. Isto é libertador.

REFERÊNCIAS

1. CHIOZZINI, Daniel Ferraz; MESQUITA, Ilka Miglio de & TUMA, Magda Madalena. **Potencialidades da história oral e da memória para o diálogo com professores em suas singularidades**. In: ZAMBONI, Ernesta (org.). **Digressões sobre o ensino de História**. Memória, História oral e razão histórica. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007. P. 103-145.
2. FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História**. História Oral (RJ), v. 9, p. 125-141, 2006. . Disponível em:
3. <<http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=193&path%5B%5D=197>> acesso de 26 de agosto de 2019.
4. FRANCO, Bianca Liz Possebom; SHIMIDT, Maria auxiliadora M. dos Santos. História oral e aprendizagem histórica: uma experiência com a história das mulheres do Bairro Jardim Cruzeiro. **Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor**. PDE: Paraná, 2014.
5. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 20019. 67. edição.

6. GOHN, Maria da Glória. JOVENS NA POLÍTICA NA ATUALIDADE – uma nova cultura de participação. Caderno CRH, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, Jan./Abr. 2018. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v31n82/0103-4979-ccrh-31-82-0117.pdf>> acesso em janeiro de 2020.
7. GOHN, Maria da Glória. **Os Sem-Terra, ONGs e Cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. 3ª Edição.
8. MEDEIROS FILHO, João & SOUZA, Itamar. A Seca do nordeste um falso problema: a política de combate as secas antes e depois da Sudene. Petrópolis: Vozes, 1988.
9. MELLO, Evaldo Cabral de. O passado no presente. [Entrevista concedida a] João Gabriel de Lima. Veja, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 4 set, 1998.
10. NORA, Pierre. **Entre memória e história, a problemática dos lugares**. PROJETO HISTÓRIA, São Paulo, n.10, p. 7- 28, dez. 1993. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>> acesso em agosto 2019
11. POLLAK, Michael (1989). **“Memória, esquecimento e silêncio”**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 3, p. 3-15.
12. Rosa, João Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
13. SILVA, Joice dos Santos. Percepções de uma jovem sobre o Rio São Francisco e o assentamento Florestan Fernandes. Entrevista concedida a Humberto Ferreira da Silva e Jairton Peterson Rodrigues dos Santos. Canindé do São Francisco -SE. Em 23 de novembro de 2019.
14. SOUTO, Paulo Heimar. **“É como se tivesse a roça e faltasse a enxada”:** **formação em serviço de professores de história em áreas interioranas**. Macapá: EdUNIFAP, 2015.
15. THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.